



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

FÁBIO OLIVEIRA BRONSEADO

UMA BREVE LEITURA DA CANÇÃO *BREATHE* E DO ALBÚM *THE DARK SIDE OF THE MOON* DA BANDA PINK FLOYD (1973)

**GUARABIRA
2016**

FÁBIO OLIVEIRA BRONSEADO

UMA BREVE LEITURA DA CANÇÃO *BREATHE* E DO ALBÚM *THE DARK SIDE OF THE MOON* DA BANDA PINK FLOYD (1973)

Artigo apresentado como Conclusão de Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como Trabalho de Conclusão de Curso.

Área de Concentração: História, Historiografia e Mídia.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima.

**GUARABIRA
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B234b Bronseado, Fábio Oliveira

Uma breve leitura da Canção Breathe e do álbum The dark side of the moon da banda Pink Floyd (1973) [manuscrito] / Fabio Oliveira Bronseado. - 2016.

31 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.

"Orientação: Carlos Adriano Ferreira de Lima, Departamento de História".

1. Pink Floyd. 2. Álbum. 3. Juventude. I. Título.

21. ed. CDD 780

FÁBIO OLIVEIRA BRONSEADO

UMA BREVE LEITURA DA CANÇÃO *BREATHE* E DO ALBÚM *THE DARK SIDE OF THE MOON* DA BANDA PINK FLOYD (1973)

Artigo apresentado como Conclusão de Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como Trabalho de Conclusão de Curso.

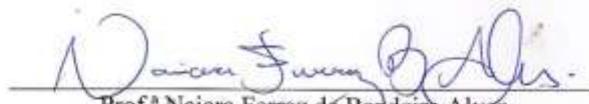
Área de Concentração: História, Historiografia e Mídia.

Aprovada em: 27/10/2016.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.ª Aline Praxedes de Araújo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.ª Naiara Ferraz de Bandeira Alves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha mãe, pela entrega, cuidado e amor a todos os
seus filhos, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual da Paraíba, pela almejada ocasião de realizar o curso.

Ao professor Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima pelas leituras sugeridas desse artigo, pela orientação, amizade adquirida ao longo do curso, pela paciência, pelo bom humor, correções e incentivo.

À minha mãe por seu estímulo à minha formação discente.

À minha esposa pela compreensão por minhas ausências em família, não só nos anos como universitário.

Aos meus irmãos, amigos e companheiros de banda.

Aos professores do Curso de História da UEPB, em especial, Elisa Mariano de Medeiros Nóbrega, Susel Oliveira da Rosa, Waldeci Ferreira das Chagas, Luciana Calissi e Alômia Abrantes da Silva, que contribuíram ao longo de cinco anos, por meio das disciplinas, debates, e orientações.

Aos colegas de classe pelos momentos de diversão e amizades.

A todos que de maneira direta e indireta fizeram parte minha história como universitário, o meu muito obrigado.

“Não há um lado escuro na lua na verdade, de fato ela é toda escura.” (Gerry O'Driscoll, 1973).

UMA BREVE LEITURA DA CANÇÃO BREATHE E DO ÁLBUM THE DARK SIDE OF THE MOON DA BANDA PINK FLOYD (1973)

Fábio Oliveira Bronseado¹

RESUMO

Nesse trabalho, o nosso objetivo é fazer uma breve leitura da canção “Breathe” e do álbum do qual ela faz parte, “*The Dark Side of the Moon* (1973)” da banda de rock britânico *Pink Floyd*. As justificativas para o desenvolvimento desse artigo estão relacionadas às constantes mudanças culturais envolvendo a juventude da década de 1960 adeptos do gênero musical “rock and roll” que configurou parte de uma vertente que modificou padrões relacionados à dinâmica da sociedade vigente. Para tanto dialogamos com as obras de FRIEDLANDER (2006) tradução de A. Costa, HARRIS (2006) tradução Roberto Muggiati, MUGGIATI (1985), COMFORT (2010) tradução de Ricardo Giassetti e Roberta Bronzatto, COUTO (2008), WATKINSOM e ANDERSON (2013) tradução Maíra Contrucci Jamel, CRUMB (2004), MILES (2010) tradução Martha Malvezzi, PESAVENTO (2005) BURKE (2005).

Palavras-Chave: Pink Floyd. Álbum, Juventude.

¹ Formando em História no período 2016.1 pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.

E-mail: fabiobronseado@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Munido de uma produção exuberante onde as explorações sonoras e as sensações instrumentais criam uma atmosfera emocional singular, o oitavo álbum de estúdio da banda de rock britânico *Pink Floyd* intitulado *The Dark Side of the Moon* (1973) é uma fonte renovável para análises, estudos, pesquisas, leituras ou quaisquer tipo de aproximação com a obra, enfim, se trata de um álbum conceitual² que desenvolve temas relacionados à crítica social que como um todo implica e ironiza as futilidades da vida humana, logo, sugere que há múltiplas possibilidades de abordagens ao qual neste artigo enfatizamos a leitura. Logo, este trabalho se trata do universo musical e sócio/cultural que envolve fusão de rock, revolução ou movimentos juvenis e drogas alucinógenas junto à criatividade musical dos integrantes da banda *Pink Floyd* desde a sua fase inicial até a produção do álbum *The Dark Side of the Moon*.

Antes de catalisar o nosso objetivo vamos explorar o universo ao qual a banda *Pink Floyd* está inserida: O rock. Na perspectiva de um historiador de certo modo, os primeiros questionamentos a se fazer são: Onde surgiu? Como surgiu? Ou a pergunta mais comum: Quem inventou o rock? Conforme as várias possibilidades de interpretações, essas perguntas se deparam com respostas imprecisas que de acordo com Pensavento

A rigor, o historiador lida com uma temporalidade escoada, com o não visto, o não vivido, que só se torna possível acessar através de registros e sinais do passado que chegam até ele. [...] Estamos, pois, diante de representações do passado que se constroem como fontes através do olhar do historiador (PENSAVENTO, 2003, p. 23)

No entanto, uma unanime concentração de trabalhos historiográficos apontam que o rock em sua fase inaugural surgiu nos Estados Unidos da América entre o final da década de 1940 e início de 1950 da mistura de três matrizes musicais: O blues, o Jazz e a música country. A partir dessa combinação se formava o embrião de uma nova sonoridade que ficou conhecido posteriormente como “rock clássico”. Predominantemente negra e influenciada pela música negra a primeira fase ou geração do “rock” foi liderada pelos cantores: Chuck Berry, Fats Domino e Little Richard, por se tratarem de artistas negros esbarravam na segregação racial americana, mas "sustentaram uma mensagem de liberdade e rebeldia em suas letras" (FRIEDLANDER, 2005, p. 63).

²Álbum conceitual: é um álbum de estúdio onde todas as ideias musicais e líricas contribuem para um tema geral único ou uma história unificada

O que viria a se tornar uma revolução cultural num futuro próximo, o “rock” começou a ramificar suas raízes e rapidamente caiu no gosto popular dos jovens na década seguinte, indiferente de suas classes sociais. Não demorou muito para que uma segunda geração de artistas garantisse ao rock seu lugar simbólico como ritmo de massa. E como fenômeno de massa juvenil o rock despertou para o grande público em 1954, através da dança e voz de um jovem cantor chamado Elvis Aaron Presley, fazendo sua música ultrapassar as fronteiras americanas e conquistar todo o ocidente. Segundo Watkinson e Anderson (2013, p. 16) “O auge da “depravação” americana foi um caminhoneiro de 21 anos de Memphis, Tennessee, cujos movimentos sugestivos logo escandalizaram os tementes a Deus do seu país e causaram o mesmo espanto no resto do mundo”.

Já na década de 1960 em meio a um cenário onde com a morte, de acordo com Comfort (2010) “heróis da juventude: Os Kennedy e Martin Luther King. Meio milhão de soldados morreram no Vietnã; outros jovens foram mortos no massacre da Universidade de Kent, na Convenção Democrata de Chicago e no festival de Altamont”. Ainda de acordo com a visão de Comfort (2010) “sob a sombra sinistra de bombas atômicas e da Guerra Fria” (COMFORT, 2010, p. 13). Em contraponto a esse crítico momento político e social como também a ameaça nuclear no período pós-guerra estabelecida pelas super-potências vencedoras da segunda guerra mundial, em destaque Estados Unidos da América e a União Soviética é criado pela juventude um novo modelo de revolução, e esse grito de liberdade segundo Comfort

foi dado por uma nova voz política, cultural e artística: a das estrelas do rock. Pioneiros em uma forma de arte criada por jovens para os jovens, os astros cantavam sobre a revolução e o amor. Sua música expressava todo o idealismo, inocência e energia sem limites da juventude, mas, ao mesmo tempo, falava de sua alienação, confusão, seu medo e violência (COMFORT, 2010, p.6).

Portanto, podemos evidenciar que pelo histórico incidente no plano político/social a partir da década de 1960, que o rock é uma janela aberta para analisar as revoluções culturais reivindicadas através do clamor da juventude.

No outro lado do Atlântico diante das crescentes manifestações juvenis, cultura e sociedade fora se modificando, e é nesse contexto que, munidos da música afroamericana como: Blues, Jazz e Classic Rock, entre outros, acontece a acessão do rock Inglês, sendo *The Beatles* e *The Rolling Stones* os maiores representantes dessa vanguarda. Porta-voz nos protestos, manifestações e reivindicações da juventude, o rock inglês que em pouco tempo através de sua acelerada transmutação torna-se cada vez mais hiperativo e experimental

possibilitou a exploração de novas sonoridades a exemplo da cítara³ na música ‘Norwegian Wood’ do *The Beatles* (1965).

Como gênero musical em sua projeção inglesa e sob a genialidade de músicos que transcreviam seus experimentalismos a união de instrumentos e tecnologias não convencionais à música até aquele momento (década de 1960), o rock alcançaria novas sonoridades reproduzindo outras experiências sensoriais. Para compreender esse ambiente Marisa Fonterrada sugere que “brincar com sons, montar e desmontar sonoridades, descobrir, criar, organizar, juntar, separar, são fontes de prazer e apontam para uma nova maneira de compreender a vida através de critérios sonoros” (FONTERRADA, 1992, p.11-12).

Ao fazer uma crítica a música produzida a partir da segunda metade da década de 1960, que de certa forma trazia à tona a essência do “Blues” do início do século XX à ascensão do rock and roll vigorante, Crumb (2004) expressa: “vamos pegar um sucesso popular da era hippie... todo mundo que vivia viajando de ácido tem um flashback de LSD quando escuta este clássico psicodélico do “jimi”” (se referido ao cantor e guitarrista americano James Marshall “Jimi” Hendrix) a música em questão foi “*Purple Haze*” e no contexto ao fazer uma comparação linguística com outra música do gênero blues de 1920 ele classifica a música do “Jimi” como: “é, os bons e velhos anos 1960 – mas, cá entre nós, aquela música psicodélica era bem boba, e acabava entediando”.

Ao apresentar explicações sobre o conteúdo do seu trabalho, Crumb (2004) manifesta seu desprezo pelos rumos que o “blues” foi tomando com o passar do tempo, e opina que “toda essa música antiga foi sendo enterrada debaixo de sucessivas camadas de modas musicais, cada uma sobrepondo a anterior. [...]Há tamanha pressão para vender as novidades que aquilo que as precede acaba sendo sepultado sem remorso (CRUMB, 2004, p. 97 e 98).

Outro gênero musical que submergiu diante da preferência da juventude em relação ao rock foi o Jazz. Sobre isso, Eric Hobsbawn que faz uma análise que vai além dos “clichês” sobre as origens e importância do jazz na música erudita se expressa de maneira contundente

A principal inovação do *rock* foi a tecnológica. Foi ela que possibilitou o grande avanço da música eletrônica. [...] não se pode negar; no entanto, que o *rock* foi a primeira música a usar sistematicamente instrumentos elétricos em lugar de instrumentos acústicos e a se valer da tecnologia eletrônica não apenas para efeitos especiais, mas para o repertório normal aceito pelo público de massa. (HOBSBAWN, 1990, p. 20).

³ cítara: instrumento musical de origem indiana.

Ainda segundo Hobsbawm, os motivos aos quais o rock teria “quase exterminado o jazz” foi por motivos sociais “portanto, o *rock* se tornou o meio universal de expressão de desejos, instintos, sentimentos e aspirações do público entre a adolescência e aquele momento em que as pessoas se estabelecem em termos convencionais dentro da sociedade” (HOBSBAWN, 1990, p. 17). Segundo Burke (2005) traduzido por Sérgio Góes de Paula, *História social do jazz* (1959) escrito por Eric Hobsbawn foi o prenúncio do retorno de historiadores pelo interesse à história da cultura, e que o livro é “Repleto de observações perspicazes sobre a história da cultura popular”.

Além desta introdução, o presente artigo está organizado em mais quatro seções: Conceitos e teoria musical, onde iremos abordar as funcionalidades dessas faculdades desses princípios para o desenvolvimento racional do indivíduo na prática musical; Um breve histórico de como surgiu a banda Pink Floyd, Nesse tópico estaremos focalizando nossa pesquisa no cotidiano dos membros da banda e a relação pessoal destes com o contexto cultural britânico da década de 1960 ao qual configurou o âmbito necessário para a formação da banda; Apresentação do álbum *The Dark Side of the Moon*, aqui a nossa proposta é realizar uma leitura do conteúdo fonográfico e visual do álbum, evidenciando suas características musicais e artística integrando tais fatores a um novo conceito musical, a art rock; E, por fim faremos uma leitura da música “*breathe*”, onde iremos detalhar tanto a estrutura instrumental da faixa como a contextura poética que representa de forma filosófica a vida humana e sua trajetória na sociedade.

2. CONCEITOS E TEORIA MUSICAL

Muito antes de conceitos e teorias vir explicar a sua existência, a música já se fazia presente em meio aos sons da natureza e presente em diversas civilizações em diferentes momentos históricos, ou seja, a música veio primeiro. Da mesma forma que, para ser um bom músico não há a necessidade de saber teoria musical. Embora, ao nos darmos conta da teoria há a possibilidade de evoluir o nosso desempenho na prática chegando a um entendimento mais intenso sobre música. Pilhofer (2013) ressalta que, entretanto, de forma similar aos saltos educacionais que podem advir com o aprendizado da leitura e da escrita, a teoria musical pode auxiliar os músicos a aprenderem novas técnicas, tocar estilos musicais com os quais não estejam familiarizados e desenvolver a confiança de que precisam para tentar novos desafios.

No cotidiano a música fantasia o nosso comportamento de várias formas, quiçá de maneira efêmera ou duradoura, desta forma, em termos significativos sua influência altera nossa capacidade de pensar sobre a vida ao qual estamos inseridos. Embora pragmático e que possa ser um exemplo banal, imagine uma cena de um filme de terror sem uma trilha sonora tenebrosa ao fundo, certamente não provocaria os resultados esperados em nossos sentidos sensoriais. Sem música, a vida perderia muito do seu brilho, pois ela está contida em nosso dia a dia desde o simples ninar de um bebê até a dolorosa hora de nossa cortejo fúnebre. De acordo com Ruud

A música está enraizada nas camadas mais profundas de nossa personalidade, onde percepções sensoriais, sentimentos e pensamentos se integram. É uma linguagem tão valiosa quanto a linguagem das palavras e conceitos, [...] a música deve ser considerada um elemento importante na definição de uma personalidade (RUUD, 1991, p. 12).

A música consegue gradativamente interferir a nossa atenção, estimula o conhecimento e fornecer movimentos involuntárias ao corpo, permitindo ao indivíduo a experiência de múltiplas sensações. Além de conhecimento fornecido à sociedade, a música organiza tais conhecimentos por momentos históricos. Assim, a música representa fontes históricas, pois adjetiva o passado ao presente.

Objetivamente a música é um estágio de comunicação das pessoas que expressam a mesma língua falada. Essa reação específica os músicos distinguem como significado musical. Todavia, a linguagem musical se manifesta de maneira diferente para cada grupo social ou cultural. Sua característica passiva se difere da sua mensagem, que transcende de forma ambígua até mesmo para indivíduos que pertencem ao mesmo ciclo coletivo. A música sem sombra de dúvidas faz parte da formação humana, desde a antiguidade, mas essa linguagem se concretiza através de particularidades culturais. Nesse-sentido, Moraes (1983, p.16) diz: “talvez isso, fosse menos absurdo dizer que a linguagem musical só existe mesmo concretizada através de “línguas” particulares ou de “falas” determinadas; e que essas manifestações podem até, em parte, ser compreendidas; mas nunca vivenciada em alguns de seus elementos de base por aqueles que não pertençam à cultura que as gerou. E é também possível que seja pelo fato de sentirmos intuitivamente certa distância em relação a elas, por não pertencerem à nossa cultura que as chamamos de exóticas”.

Saindo do campo das ideias e indo para o campo estrutural, a música é basicamente constituída pela combinações de sons de forma organizada. Mas para “explicar” o processo de formação de uma música não é fácil, por se tratar de uma síntese de faculdades teóricas e práticas de quem as constroem. Na sua concepção básica, as ferramentas necessárias para a formação de uma música está voltado ao conhecimento das sete notas musicais. Os símbolos que representam cada nota são escritos em Inglês. De maneira crescente são: C(Dó); D(Ré); E(Mi); F(Fá); G(Sol); A(Lá); B(Si). As notas musicais representando os sons necessitam de outros componentes para expressar-se de maneira organizada. São eles: os elementos e as propriedades. Segundo Aaron Copland

Do ponto de vista do ouvinte leigo, esses elementos não têm importância, pois raramente temos consciência de ouvir algum deles separadamente. É o efeito combinado - o tecido sonoro aparentemente inextricável que eles compõem - que costuma interessar à maioria dos ouvintes (COPLAND, 1974, tradução Luiz Paulo Horta, p.10).

Os elementos fundamentais são: ritmo, melodia e harmonia.

- Ritmo é a componente fundamental para manter o tempo de uma música. O termo também pode ser usado para descrever a velocidade da música.
- Melodia é a variação de entonações que podem ser produzidas durante a duração, altura e intensidade do som. Pode ser definida como composição musical para acompanhar uma voz ou couro.
- Harmonia é a junção de notas simultâneas que preenche a melodia.

As propriedades se dividem em: duração, intensidade, altura e timbre.

- Duração é o tempo de propagação do som. A propagação é caracterizada pela ressonância que podem ser curtas ou longas.
- Intensidade é a determinação da potencialidade do som, ou seja, fraco ou forte. Popularmente referido como baixa ou aumenta o som.
- Altura é a propriedade que distingue os agudos (altos) e baixos (graves) de um som.
- Timbre é o que nos permite distinguir a origem do som, ou seja, é a característica singular que cada som contém.

Não podemos esquecer, no entanto, que esse padrão teórico de notas, elementos e propriedades são regras básicas para todos os segmentos musicais. Mas quando se trata de analisar como se constrói a música em cada gênero musical o modo de focalizar o assunto se estende. Paul Friedlander em “Rock and Roll: Uma história social” traduzido por A. Costa (2006), nos evidencia que para desenvolver o esquema que sintetiza a construção de uma música do gênero “rock” existe as seguintes divisões: Música; Letra; Histórico do artista; Contexto Social; Atitude. Se bem que fazendo uma abordagem superficial esse esquema se configura desde os primeiros roqueiros e ainda perdura basicamente com a mesma estrutura até os dias atuais. Pode-se evidenciar uma veracidade em tal esquema, pela observação de músicos que exercem essa atividade no universo rock and roll atual. Embora que, a cada ciclo cultural os padrões e valores de cada uma dessas divisões tendem a variações em virtude do processo do amadurecimento social, em detrimento do passar do tempo, enfim, claro que, se exista realmente uma “receita de bolo” para tal questionamento.

3. SURGIMENTO DO PINK FLOYD

Com desembarque definitivo na Inglaterra, o rock inicia o fim da calmaria do rock clássico para uma nova fase com referenciais temáticos mais politizados. Dentre os pioneiros dessa nova onda do rock, os Beatles se tornaram referência no gênero para a juventude, não só para o seu país de origem, mas para vários outros países do ocidente. Segundo Friedlande

Os jovens dos anos 60, que construíram o comportamento rebelde da década anterior, criaram seu próprio estilo, desafiaram a moral prevalecente e inauguraram uma época de criatividade e experimentação [...] Na jornada da cultura popular ocidental dos anos 60, os Beatles estavam no cesto da gávea, berrando “terra à vista” (FRIEDLANDE, 2006, p. 149).

O rock and roll para os jovens americanos no início da década de 1960 estava em baixa, e de acordo com Muggiatti (1985) “parecia que estava morto e enterrado” por fatores diversos. Um desses fatores provavelmente tenha se manifestado após a queda de um avião no aeroporto de Manso City em 03 de Fevereiro de 1959, cheio de estrelas da música, incluindo Buddy Holly, um dos pioneiros do rock, para os fãs do rock, a data ficou conhecida como “o dia em que a música morreu”.

Na contrapartida desse sentimento de perda para os fãs do “rock” na América, os ingleses ao final da década de 1950 abastecidos da música americana iniciam a sua imersão no rock and roll, e ainda segundo Muggiatti

quando finalmente toda aquela música made in USA chegou emolada, rock’n’roll, rhythm & blues, calipso, doo-wop, rockabilly, country rock, Motown, etc, a juventude inglesa já estava embarcando na grande aventura dos grupos musicais, para formar o som que depois ficaria conhecido simplesmente como rock (MUGGIATTI, 1985, p. 63;64).

No ritmo do rock, a juventude inglesa logo começou a se expressar de forma não convencional as tradições linguísticas a cada canto aonde esse novo sintoma cultural chegasse. Na língua inglesa as palavras mais utilizadas pelos jovens eram as novas gírias, as mais disseminadas eram segundo Watkinson e Anderson “*jukebox*”⁴, “*teddy boy*”⁵ e “*rock n’ roll*”⁶ [...] Na onda do rock n’ roll, surgiu o *Skiffle*⁷ craze. (WATKINSON; ANDERSON, tradução JAMEL - 2013, p.16).

Se o rock and roll na América foi uma síntese da fusão do Blues, Jazz e Música Country, o Skiffle é a versão inglesa da mistura desses gêneros musicais. Segundo Watkinson e Anderson (2013) “Inspirados pelo skiffler britânico Lonnie Donegan, os meninos adolescentes por todo o país formavam grupos roubando as panelas das mães para utilizá-las como percussão e prendendo um cabo de vassoura a uma caixa de chá com um fio tensionado, o que funcionava como um contrabaixo rudimentar”. De acordo com Muggiatti

foi o movimento *skiffle* que deu ao rock britânico sua sólida base de blues, através de pioneiros como Alexis Korner e John Mayall (nascidos em 1928 e 1933), em cujas bandas se iniciariam futuros superstars como Mick Jagger, Brian Jones, Charlie Watts, Keith Richard (quase os Rolling Stones completos), Eric Clapton, Jack Bruce, Ginger Baker (o Cream inteiro), e os jazzistas John McLaughlin e John Surman (MUGGIATTI, 1985, p. 66)

⁴jukebox: Aparelho eletrônico utilizado geralmente em bares e lanchonetes e tem por função tocar músicas escolhidas pelo cliente.

⁵teddy boy: Foi uma subcultura britânica “associada ao rock and roll” originada na década de 1950.

⁶rock n’ roll: Estilo musical que surgiu nos Estados Unidos no final dos anos 1940.

⁷O skiffle é um tipo de música folk com influência de jazz e blues. Foi popular entre a juventude britânica na década de 1950.

O futuro líder e cofundador da banda *Pink Floyd* Roger Barrett também teve sua iniciação musical através do skiffle. Segundo Watkinson e Anderson (2013) “Roger assistia, com muito interesse, ao seu irmão mais velho, Alan, tocar sax em um grupo de skiffle e começou a tocar ukulele⁸”.

Outro Roger que também se despertou para o universo musical foi o Roger Waters, de acordo com Barry Miles

como quase todos os fãs de rock de sua geração, Roger (Waters) passava horas ouvindo, através da estática, a Radio Luxembourg, onde o puro rock and roll americano era transmitido para a Grã-Bretanha todas as noites a partir das 18h” [...] “Roger: “Eu me lembro quando tinha 10 ou 11 anos e ouvia a Radio Luxembourg em um aparelho com dois fones de ouvido, e a qualidade era péssima. Mas eu ficava escondido sob as cobertas, ouvindo Gene Vincent e as primeiras canções de rock 'n' roll ainda criando movimentos mágicos (MILES, 2010 – tradução Martha Malvezzi, p.22).

A partir de suas escolhas pessoais, o futuro do *Pink Floyd* e da música começava a ser delineado por esses dois jovens de nome Roger.

O *Pink Floyd* foi uma banda britânica de rock formada na cidade de Londres no ano de 1965. A origem do nome deve-se à admiração do cofundador da banda, Roger Barrett, que era fã da arte musical de dois cantores americanos do Blues, Pink Anderson e Floyd Council. A “rotulação” psicodélica e o experimentalismo musical rendeu ao grupo o status de superstar ao longo da carreira, mas para que isso ocorresse muita coisa aconteceu no percurso dessa estrada.

Poderíamos nos referenciar através de narrativas populares que tudo começou em 1964 com a formação da banda “*Sigma 6*” composta por Roger Wates, Nick Mason, Rick Wright entre outros integrantes, e que para substituir na saída desses não citados entraria na banda um novo guitarrista chamado Roger Barrett. A banda a partir daquele momento passaria por algumas mudanças sonoras incluindo mudanças no nome.

Seguindo a ordem cronológica os nomes após *Sigma 6* foram: *Megadeaths*, *T-Set*, *The Architectural Abdabs*, *The Screaming Abdabs*, *The Abdabs* e *The Pink Floyd Sound*. No entanto, de acordo com as biografias oficiais do *Pink Floyd* publicado originalmente em inglês sob o título *Pink Floyd – The early years* (MILES, 2006) e do cantor Roger Barrett sob o título original *Crazy Diamond: Syd Barrett & The Dawn of Pink Floyd* (WATKINSON; ANDERSON, 2006) a história da banda não se faz tão singular assim. Percebe-se através de dados seletivos de ambos os livros publicados pela Omnibus Press (2006) que o embrião da

⁸ukulele é um instrumento musical de cordas beliscadas, geralmente com 4 cordas de tripa ou com materiais sintéticos como nylon.

banda *Pink Floyd* gira em torno da figura do Roger (Syd) Barrett. Nascido Roger Keith Barrett, no dia 6 de janeiro de 1946, na cidade Inglesa de Cambridge, filho de Dr. Arthur Max Barrett e sua esposa, Winifred.

Roger Barrett herdou do pai as habilidades artísticas e musicais, que era membro da Sociedade Filarmônica de Cambrige. O rock que conquistava a juventude em massa era encarada com hostilidade pela grande maioria dos pais. Em contra partida, era aceito pelos pais do jovem Roger Barrett que não media esforços para incentivar seu filho mais novo a explorar os seus talentos musicais. O baixista Roger Waters nasceu em Great Bookham, Surrey, no dia 9 de setembro de 1943. O tecladista Richard William Wright, conhecido como Rick Wright nasceu no dia 28 de Julho de 1943, Londres. O baterista Nicholas Berkeley Mason, o Nick Mason nasceu em 27 de janeiro de 1944, Birmingham.

Apesar de não fazer parte da formação inicial do *Pink Floyd*, quem vem para somar a história da banda é um jovem e dedicado guitarrista chamado David Jon Gilmour. Nasceu no dia 6 de março de 1946, em Cambridge, só entrou na banda no final do ano de 1967 a convite de Roger “Syd” Barret, seu amigo desde infância. Quando induzimos a não seguir uma ordem cronológica sobre o surgimento do *Pink Floyd* com a formação da banda “*Sigma6*” pelo motivo de que como se tratava de amigos envolvidos com música havia encontros (assim como há com os jovens na atualidade) as chamadas Jam Session⁹. Assim, bem antes do Gilmour entrar para o banda em definitivo, houve uma apresentação incomum onde estariam pela primeira vez tocando junto no mesmo palco com os integrantes de sua futura banda, [...] Roger Waters, Nick Mason, Rick Wright e Syd Barrett uniram-se no palco com Gilmour, formando o som do T-Set. “Era estranho ver as bandas de Syd e Dave juntas naquele palco”, disse Carter. “Foi a primeira vez que eles se uniram para tocar.” (WATKINSON e ANDERSON, 2013, p.32).

⁹Em música popular, como o jazz, **jam** significa tocar sem saber o que vem à frente, de improvisação

A fusão da Psicodelia com o *Pink Floyd* sempre foi muito visível, e resultou numa nova onda de compor músicas autenticamente inglesa e “sobre o modo de vida inglês”. Isso não significa que subjetivamente os temas nunca fora utilizados por outros compositores ingleses. Seguindo esse raciocínio não podemos esquecer de um fato necessariamente importante para que o Syd Barrett adotasse essa postura nas letras, ele era literalmente fã da banda sensação do pop rock Inglês dos anos 60, *The Beatles*.

As músicas “Eleanor Rigby”¹⁰ e “Penny Lane”¹¹ já retratam o “modo de vida inglês” e foram lançadas 1 ano antes da música de estréia do Pink Floyd, “Arnold Layne” - 1967.

Enquanto o *Pink Floyd* disseminava seu “status quo”¹² em defesa da singularidade sonora da banda, as perturbações mentais e lisérgicos do líder Syd Barret começava a dar sinais visíveis causadas pelo uso contínuo de drogas, principalmente ocasionados pela droga alucinógena LSD, Segundo Sacks (2013 – p.60) quando o lsd, assim como a psilocibina dos cogumelos *Psilocibe* e as sementes de glória-da-manhã (que contêm, ambas, compostos semelhantes ao lsd), tornaram-se amplamente disponíveis, introduzindo [...] uma nova palavra da moda: “psicodélico”.

Syd Barrett e sua curta carreira de frente ao *Pink Floyd* deixou fortes raízes para o triunfoso futuro da banda, mas encarar a realidade sobre a autodestruição mental de Syd era algo inevitável para prosseguir o trabalho da banda. Após sua misteriosa saída, Barrett chegou a gravar dois álbuns solo, *The Madcap Laughs* e *Barrett*, ambos em 1970, com participações e produções de Gilmour, Waters e Wright, o que lhe trouxe um sucesso razoável. Mas logo ele se decidiu pela “aposentadoria”, por sim dizer, e viveu uma vida pacata em Cambridge até 2006, quando faleceu. (COUTO, 2008 – p.73).

No mínimo duas coisas não podemos negar, da pertinente participação do Syd Barrett como líder do *Pink Floyd*, como também a súbta necessidade de sua saída física da banda. É perspicaz falar “saída física” porque sua presença espiritual permaneceu intrínseca ao *Pink Floyd*, de forma persuasiva conforme a autenticidade sonora da banda, como subjetiva através dos temas utilizados para compor os futuros sucessos.

¹⁰Eleanor Rigby é uma canção da banda The Beatles, originalmente lançada no álbum “Revolver” (1966).

¹¹Penny Lane é uma canção da banda The Beatles, escrita por Paul McCartney em Fevereiro de 1967.

¹²status quo: expressão do latim que significa “estado atual”.

Nesse despojar surreal da personalidade de Syd Barrett e do inevitável aperfeiçoamento musical adquirido com o passar do tempo pelos integrantes remanescentes, não demorou muito para a totalidade criatividade se definisse num álbum que projetaria a banda assim como a história do rock e da música pop.

4. O ÁLBUM THE DARK SIDE OF THE MOON

No ano de 1973 o *Pink Floyd* apresenta ao mundo aquele que seria o ápice do seu legado musical, o álbum *The Dark Side of the Moon*. A genialidade em utilizar temáticas relacionados ao comportamento atemporal do ser humano tais como, “morte, insanidade, opulência, pobreza, guerra e paz” nos permite reconhecer a tenacidade e reverberação do álbum até os dias atuais. Introspectivos é o que jamais poderemos ser quando paramos para ouvir o álbum, pois seria injusto não nos darmos conta da quantificação sonora existente. A cada tom, nota ou efeito sonoro detectado no álbum percebemos que *The Dark Side of the Moon* é um produto híbrido da capacidade criativa dos integrantes do *Pink Floyd*, dos músicos convidados e ainda da faculdade inventiva do produtor musical Alan Parsons. Segundo John Harris (2006, p.73) “Em junho de 1972, Alan Parsons tinha 23 anos. Seu currículo era inevitavelmente breve, mas sem dúvida impressionante: após o primeiro emprego numa fábrica de duplicação de fitas da EMI, rapidamente ingressou na equipe de Abbey Road para trabalhar como engenheiro chefe no álbum Abbey Road, dos *Beatles*. Depois foi promovido a engenheiro-principal em algumas faixas do trabalho solo inaugural de Paul McCartney, o álbum de estreia dos Wings, *Wild Life*. Também havia trabalhado nas gravações de *Ummagumma* e *Atom Heart Mother*”, esses dois últimos da própria banda *Pink Floyd*”.

O álbum *The Dark Side of the Moon* representa a emersão que marca a separação entre a psicodelia do passado com a maturidade sonora vigente da banda. Entretanto não foi de uma hora para outra que percebemos essa divisão, a canção “*Echoes*” do álbum *Meddle* (1971) já trazia elementos do rumo sonoro que o *Pink Floyd* estava tomando. Conforme Miles “*Echoes* é puro Floyd: rica, emocional, etérea; e é fácil ver como ela levou ao *Dark Side Of The Moon*. (MILES, 2010 – tradução Martha Malvezzi, p.212).

Embora não tenha sido, nem o primeiro álbum do gênero “rock progressivo” nem tão pouco o primeiro artista/banda a fazer um álbum conceitual, *The Dark Side Of The Moon* é a produção fonográfica que popularizou tal gênero. Já no quesito fusão de estilos como o Jazz, Blues e o já consagrado rock n’ roll desenvolvido pela banda, pouco se tem notícia que alguém já tenha feito anteriormente com tamanha precisão. Outra inovação apresentada no álbum é a marcante presença conjunta de sintetizadores e sequenciadores, contribuindo ainda mais com a sonoridade do *Pink Floyd*. Embora a banda não seja a pioneira em utilizar sintetizadores, pois já estiveram presentes em trabalhos antecedentes como a exemplo do álbum *Abbey Road* (1969) da também banda inglesa *The Beatles*, não tememos afirmar que o *Pink Floyd* foi a banda que melhor utilizou dos recursos tecnológicos presentes nesses instrumentos, e a maioria dos efeitos produzidos são desconstruções sonoras convertidas em ruídos e sons estranhos associados a viagens psicodélicas.

Os sintetizadores usados pelo *Pink Floyd* foram adquiridos do inventor Peter Zinovieff. Segundo Harris (2003, p.85) “No início dos anos 1970, os sintetizadores se tornavam acessíveis aos músicos de rock graças também ao equipamento do qual Robert Moog foi pioneiro [...] por volta de 1972, compraram dois exemplares de novos tipos compactos de máquinas, ambos feitos pela empresa de Zinovieff. O primeiro era um VCS3, um sintetizador controlado por voltagem embutido num gabinete”. O sintetizador é um instrumento musical eletrônico projetado para produzir sons gerados através da manipulação direta de correntes elétricas (sintetizadores analógicos), leitura de dados contidos numa memória (sintetizadores digitais), ou manipulação matemática de valores discretos com o uso de tecnologia digital incluindo computadores (modulação física) ou uma combinação de diversos métodos”. Já o sequenciador é um dispositivo que, conectado a um sintetizador, permite criar linhas melódicas com notas pré-definidas que são posteriormente reproduzidas de maneira autônoma conforme comando do compositor, permitindo o desenvolvimento de camadas, ostinatos, ou frases diversas de acordo com a quantidade de pistas disponíveis.

O álbum *The Dark Side of the Moon* não apenas atingiu o nível máximo de sonoridades excessivamente complexas, mas também foi responsável por uma significativa mudança nos parâmetros da música moderna. Tal postura percebida no referido álbum classificou e elevou a banda ao posto expressivo de referência do recém-subgênero do “rock and roll” nos anos de 1970: O Rock Progressivo. Um ponto negativo à Friedlander (2006) tradução de A. Costa é a minimização das bandas de rock progressivo no contexto das três primeiras décadas do rock and roll. Embora ele não mencione com grandeza a participação

histórica nem a importância dessas bandas caracterizadas por esse novo subgênero à época, num ponto ele não poderia ser completamente imparcial. Mesmo que de forma simplista, ele abriu um parêntese e menciona a importância do álbum *The Dark Side of the Moon*. Segundo Fiedlander, no final dos anos de 1960 e início dos anos 70 “a criatividade musical se concentrava no estúdio e na utilização da tecnologia que se desenvolvia rapidamente”, e menciona que o *Pink Floyd* criou duas grandes obras para a indústria, e entre as duas a primeira citada é o álbum *The Dark Side Of The Moon*, e ainda evidencia que o álbum “permaneceu na lista dos 200 mais por quinze anos”.

The Dark Side of the Moon trouxe temas que abordam paradigmas da vida moderna, e carregando consigo um sentimento filosófico subjetivado. Discute conceitos que ultrapassem gerações fazendo com que o álbum sempre esteja atual. Entre os exemplos temos: “Time” e sua mensagem sobre o nosso desperdício com o tempo sem que o percebamos, e “The Great Gig in the Sky” que trata sobre o tema da morte humana. Sua engenharia de som permitiu o pioneirismo da banda em efeitos sonoros quadrofônico, que consistem na distribuição espacial de som caracterizado pela separação de instrumentos por canais. A capa do álbum “Dark Side” é tão complexa de se explicar quanto a própria temática das músicas e os efeitos sonoros contidos nesse trabalho audiográfico. Um feixe de luz que atinge um prisma e se transforma em um arco-íris, exceto pela ausência da cor azul que não foi introduzida na capa do álbum, modificando desse modo a teoria científica das cores que compõe o arco-íris que são sete cores: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, azul anil e violeta. A ausência da cor “azul anil” contradiz a física mas não a composição artística que ilustra a capa do álbum, como diz o próprio ilustrador “*Na verdade, o azul escuro não ficou esteticamente bonito junto das outras cores e então resolvemos tirá-lo fora, porque a arte deve estar acima da ciência.*” (VEIGAS, 2013).

Na representação visual o que ocorre é uma dispersão da luz, na natureza a dispersão é observada na formação do arco-íris e ocorre da seguinte forma, “A luz do sol é uma onda de luz branca formada por várias cores, quando essa luz incide sobre uma gota de água os raios luminosos penetram nela e são refratados, sofrendo assim a dispersão. O feixe de luz colorido, dentro da gota, é refletido sobre a superfície interna da mesma e sofre novo processo de retratação, motivo que provoca a separação das cores que um observador consegue ver. É evidente que essa dispersão ocorre com todas as gotas de água que estiverem na superfície recebendo a luz proveniente do Sol” (SANTOS, [201-?]).

A capa foi produzida pelo artista gráfico britânico Storm Thorgerson que disse em entrevista a BBC (2009) "É uma boa ideia, mas simples. A refração da luz através de um prisma é uma característica comum na natureza, como em um arco-íris. Gostaria de reivindicar sua autoria, mas infelizmente isso não é meu!".

4. A MÚSICA “BREATHE”

O que não é apropriado nessa música? “Breathe” que vem acompanhada da intro “Speak to me” é a primeira faixa do álbum *The Dark Side of the Moon* e foi composta pelos integrantes: Roger Waters, David Gilmour e Richard Wright . Tanto a melodia como a letra da música, proporciona ao ouvinte um estado reflexivo sobre a vida de maneira ambígua. “Breathe” sem a introdução “Speak to me” é tocada no tempo de dois minutos e quarenta e seis segundos. O tom original da música é C(Dó) executada em compasso quartenário simples quatro por quatro (4/4). Dos instrumentos que compõem essa música temos: guitarra; baixo; efeitos com sintetizadores; teclado; órgão; bateria e percussão. Além dos vocais de David Gilmour e Richard Wright.

A música é trabalhada na fusão do jazz e do rock clássico, união está que favoreceu o recém-nascido subgênero do rock “na época” nomeado de “rock progressivo”. Como característica do gênero, a guitarra tem domínio predominante na harmonia e melodia quando o assunto é rock and roll, e em “Breathe” não é diferente, é perceptível a presença de três timbres distintos de guitarras. No início uma guitarra rítmica é executada com dedilhados ao qual será percebida ao longo de toda música, assim como a serenidade do som de uma segunda guitarra (havaiana) executada de maneira sutil, sendo essa a principal marca da melodia. A terceira guitarra executa acordes simples, mas de extrema precisão melódica. O fraseado e a marcação precisa do baixo é intercalada com a dinâmica jazzística da bateria. O teclado sintetiza toda harmonia dos acordes menores ao qual a música é executada, e complementada com densidade na segunda estrofe da música por um órgão preciso. A voz de David Gilmour duplicada é preenchida com efeitos sonoros fazendo a combinação justa com o instrumental.

Breathe é constituída por duas estrofes¹³ antagônicas entre si. A letra faz uma menção crítica sobre o significado da vida, onde na primeira parte há aconselhamentos feitos com delicadeza e na segunda parte conselhos mostrando o lado árduo e realista da mesma.

Breathe / Respire

Breathe, breathe in the air / Respire, inspire o ar
 Don't be afraid to care / Sem receio de se envolver
 Leave but don't leave me / Vá, mas não me deixe
 Look around and choose your own ground / Olhe em sua volta e escolha seu próprio chão
 For long you live and high you fly / Para você ter uma vida longa e voar alto
 And smiles you'll give and tears you'll cry / E sorrisos você dará e lágrimas chorará
 And all you touch and all you see / E tudo que você tocar e tudo que você enxergar
 Is all your life will ever be / É tudo que sua vida sempre será

Run rabbit run / Corra Coelho corra

Dig that hole, forget the sun / Cave essa toca, esqueça o sol
 And when at last the work is done / E quando finalmente o trabalho concluir
 Don't sit down it's time to dig another one / Não desconsa é hora de cavar outra
 For long you live and high you fly / Para você ter uma vida longa e voar alto
 But only if you ride the tide / Mas só se você entregar-se à maré
 And balanced on the biggest wave / E equilibrar-se na onda mais alta
 You race towards an early grave / Você disputa a corrida para um túmulo precoce

¹³ estrofe é o conjunto de dois ou mais versos que apresentam, em geral, sentido completo, e em que se dividem certas composições poéticas

Levando em conta a cronologia do álbum que inicia com a introdução “Speak to me” trazendo batimentos cardíacos, murmúrios, conversas nas ruas e gritos desesperados, rapidamente temos a sensação que se trata de um jovem à caminho da “vida”, e para tal ponto recebe conselhos (como de costume dos parentes ou amigos mais próximos). De maneira pragmática é dado o primeiro conselho: Respire, respire o ar. Respirar é uma necessidade para se manter vivo após o nascimento. Mas também dá o sentido de: comece a trilhar seu caminho; que se completa com a segunda frase: Sem receio de se envolver, ou seja, sem medo de encarar ou ousar na vida. A terceira é uma frase paradoxal: Vá, mas não me deixe; trás explicitamente o encorajamento de seguir em frente com a sua vida, complementando de forma a não esquecer seus valores nem suas raízes familiares. A quarta frase é uma opção de escolha certa para se viver bem: Olhe em sua volta e escolha seu próprio chão. A quinta é frase/refrão que reflete uma breve conclusão dos primeiros conselhos: Para você ter uma vida longa e voar alto; como se dissesse: Ouça o que eu digo e você terá sucesso. As opiniões continuam na sexta frase: E sorrisos você dará e lágrimas chorará; ou seja, o jovem viverá muitas emoções boas e má no decorrer de sua jornada. A sétima e a oitava frase exprime um só sentido: Que viver no final de tudo é jogo de perdas e conquistas dentro do universo que você está contido.

A segunda estrofe mostra a verdade nua e crua da vida humana, inicia com a frase: Corra coelho, corra; Mas o que tem haver um coelho numa frase que se refere a uma pessoa? Ou talvez, não poderia ser um animal mais feroz? Lembre-se que, o perverso aqui é o mundo. Estamos tratando aqui do álbum *Dark Side of the Moon*, numa tradução livre: O lado escuro da lua. Propositamente a escolha do coelho que parece não ter sentido é simples, o coelho é símbolo de fertilidade e rapidez, mesmo assim é uma presa fácil, no reino animal. Outra alusão é sobre as crateras lunar na fase da lua cheia, que por ilusão de ótica desenha a figura de um coelho.

A décima, décima primeira e décima segunda frases, determinam um só aconselhamento: Cave essa toca, esqueça o sol / E quando finalmente o trabalho concluir / Não descance é hora de cavar outra; As frases determinam que o indivíduo foque no trabalho e apenas no trabalho sem cessar, o “sol” refere-se a diversão que deve ser deixado de lado. A décima terceira é novamente a frase/refrão já analisado na quinta frase da primeira estrofe. Continuando com os conselhos severos chegamos as três frases finais carregadas de metáforas, que diz: Mas só se você entregar-se à maré / E equilibrar-se na onda mais alta / Você disputa a corrida para um túmulo precoce; É irônica a análise das três frases finais, pois

mesmo depois de extrema batalha para se conseguir “seu lugar ao sol” o indivíduo é brindado com a morte.

Outro ponto que requer uma atenção maior da letra é quando fazemos a fusão das duas estrofes, onde a segunda serve de complemento para a primeira estrofe.

Respire, inspire o ar, Corra Coelho, corra
Sem receio de se envolver, Cave essa toca, esqueça o sol
Vá, mas não me deixe quando finalmente o trabalho concluir
Olhe em sua volta e escolha seu próprio chão, Não descanse é hora de cavar
Para você ter uma vida longa e voar alto / Para você ter uma vida longa e voar alto
E sorrisos você dará e lágrimas chorará, Mas só se você entregar-se à maré
E tudo que você tocar e tudo que você enxergar e equilibrar-se na onda mais alta
É tudo que sua vida sempre será, a corrida para um túmulo precoce.

5. CONCLUSÃO

A proposta de fazer uma leitura da música “*Breathe*” como do álbum “*The Dark Side of the Moon*” nos favoreceu adquirir novas e reformular velhas ideias sobre a história da banda *Pink Floyd* e do álbum *The Dark Side of the Moon*. Houve também outra grande motivação, pois aqui a leitura não ficou apenas focada no plano visual, mas também no auditivo, se tratando de uma fonte audiográfica.

A dificuldade mais acentuada foi entrar em assuntos sobre conceitos e teorias musicais sem perder o foco com a proposta sonora da banda. Entretanto, o resultado foi gratificante e podemos perceber que há uma coerência quantitativa para futuras pesquisas. É importante ressaltar que os tópicos contextualizados sobre os gêneros musicais propostos nesse artigo como: Blues, Jazz, Rockabilly, Rock and Roll, entre outros, fazem parte da formação musical dos integrantes da banda *Pink Floyd*. Acreditamos que, através dos resultados obtidos, possamos instigular futuras abordagens relacionadas.

Quando iniciamos esse artigo o intuito era focar apenas numa leitura sobre o álbum *The Dark Side of the Moon*, e mesmo que assim fosse sabemos que existiria uma lacuna sem precedente sobre o porquê dos temas abordados naquele trabalho da banda *Pink Floyd*. Sendo assim, percorrer os caminhos da música que resultou no surgimento do “rock and roll”, e identificando suas origens seria a maneira mais lógica para se chegar ao nosso propósito.

O campo da música é um território vasto para se fazer pesquisas, análises, leituras, comentário, enfim, é muita informação para poucas linhas, ou melhor, a partir do comentário do nosso orientador desse artigo: “nem em mil teses você daria conta do assunto”. Nossa primeira abordagem no entanto foi ler e colher informações necessárias que nos permitisse exemplificar de maneira precisa os tópicos sobre conceitos e teorias musicais, porém a cada abordagem percebemos que para adotar uma perspectiva que transmitisse veracidade não poderíamos nos apegar em apenas um ou dois autores, e em contrapartida, a cada momento da leitura do álbum começamos a perceber também que a fonte em questão (o álbum) não falava por si só, e a necessidade de questionar cada conceito e tema oferecido por ele fora se intensificando. A “*priori*” dos temas usados, o porquê deles estarem presentes naquele trabalho, as experiências musicais dos integrantes, o contexto sociocultural da época que fez com que Roger Waters escrevesse as letras, o porquê do som da banda ser classificado por rock progressivo, suas influências diretas ou indiretas, o sentido do álbum ser chamado *The Dark Side Of The Moon*, enfim, nada disso está exposto nas informações do álbum. Para

conter os questionamentos, nossa busca se fez necessário a ampliação de fontes que atendessem o nosso objetivo. Dessa forma buscamos o propósito da música. Afinal de contas, o que é música? De acordo com Moraes (1983, p.8-9) música “é, antes de nada, movimento. É sentimento ou consciência do espaço-tempo. Ritmo; som; silêncio e ruídos; estruturas que engendram formas vivas”.

Percorremos os rumos do rock a partir de artistas que popularizaram o gênero entre as décadas de 1950 a 1960 como a exemplo de Elvis e The Beatles.

Com o passar dos anos a música tende a evoluir, modernizar os seus padrões, dessa forma não poderia ser diferente com o rock, sendo ele um gênero musical. Assim temos ao final dos anos de 1960 e início dos anos 70' do século XX, uma modernização do rock onde a partir de 1973 com o lançamento do álbum *The Dark Side of the Moon*, a banda Pink Floyd seria consagrada “a mais proeminente entidade do rock progressivo mundial”.

Falamos sobre a atuação do rock diante da juventude e sua importância no contexto cultural juvenil. Assim percebemos para além de veículo de disseminação de ideias, o rock sempre fora visto pela maior parte da sociedade, algo abominável. Tendo em vista que, o rock foi um gênero musical com raízes negras. Sendo assim, um porta voz das minorias contra a segregação racial.

Concluo que esse artigo fornece conteúdo responsável para que enriqueça nosso conhecimento sobre a carreira da banda *Pink Floyd* e a contribuição do álbum *The Dark Side of the Moon* como forma de pensamento crítico sobre os valores sórdidos da sociedade. Pois, seu legado vai além dos valores artísticos, e entender o significado temático de suas músicas enquanto ferramenta sócio/cultural é de uma relevância equacional. Evidencio que foi preciso compartimentar os tópicos relacionados para melhor aludir a intencionalidade proposta pela banda *Pink Floyd* nesse oitavo disco de estúdio. No sentido de colaborar para entender a ascensão do rock, sua contribuição política e social, usamos transcrições de textos dos autores consultados, isso para nos ajudar a entender os campos de conhecimentos envolvendo, a música, cultura pop e afim. Acredito que o contexto desse trabalho tenha o propósito somatório, pois não apenas focalizou a vida e arte da banda Pink Floyd, mas sim parte de um cenário social ao qual ela esteve inserido. Assim como as mudanças dos paradigmas socioculturais da juventude das três primeiras décadas do rock and roll.

ABSTRACT

In this work, our goal is to make a brief reading of the song "Breathe" and the album from which it is part, "The Dark Side of The Moon (1973)" the British rock band Pink Floyd. The justifications for the desenvoimento of this article are related to the constant cultural changes involving the youth of the 1960s, fans the musical genre rock and roll that set up part of a trend that modified standards regarding the dynamics of the current society. Therefore we dialogue with the works of FRIEDLANDER (2006) translation A. Costa, HARRIS (2006) translation Roberto Muggiati, MUGGIATI (1985), COMFORT (2010) translation by Ricardo Giassetti and Roberta Bronzatto, CHRISTIAN (2008), WATKINSOM and ANDERSON (2013) translation Maíra Contrucci Jamel, CRUMB (2004), MILES (2010) translation Martha Malvezzi, PESAVENTO (2005) BURKE (2005).

Keywords: Pink Floyd. Album. Youth.

REFERÊNCIAS

- AARON COPLAND, Aaron. Como Ouvir e Entender Música. Tradução de Luiz Paulo Horta. Editora artemova, 1974.
- BURKE, Peter. O que é história cultural? Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- COUTO, Sérgio Pereira. Segredos e lendas do rock – São Paulo: Universo dos livros, 2008.
- COMFORT, David. O livro dos mortos do rock: Revelações sobre a vida e a morte de sete lendas do rock'n'roll. Tradução Ricardo Giassetti, Roberta Bronzatto. São Paulo: Aleph, 2010.
- CRUMB, Robert. Blues. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.
- FLOYD, Pink. The dark Side Of The Moon (Disco). Londres: Abbey Road Studios, 1973.
- FRIEDLANDER, Paul. Rock and Roll: Uma história social. Tradução de A. Costa. Rio de Janeiro: Record, 2003
- HOBSBAWM, Eric J. História Social do Jazz. Tradução de Angela Noronha. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- HARRIS, John. The Dark Side of the Moon: Os bastidores da obra-prima do Pink Floyd. Tradução de Roberto Muggiati. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- MILES, Barry. Pink Floyd: Primórdios. Tradução de Martha Malvessi. São Paulo: Madras, 2010
- MORAES, J. Jota de. O que é música. 2ª edição. São Paulo: Ed. Brasiliense S.A. 1983.
- MUGGIATI, Roberto. Rock: de Elvis a Beatlemania (1954-1966). Brasiliense. São Paulo, 1985.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & história cultural. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- RUUD, E. Música e saúde. Tradução de Vera Bloch Wroblel, Glória Paschoal de Camargo e Miriam Goldfeder. 2.ed. São Paulo: Summus, 1991.
- SCHAFFER, R. Murray; FONTEERRADA, Marisa. O ouvido Pensante. São Paulo. Editora da UNESP, 1992.

WATKINSON, Mike; ANDERSON, Pete. Crazy Diamond: Syd Barrett & The Dawn of Pink. Tradução de Maíra Contrucci Jamel. Rio de Janeiro: Sonora Editora, 2013.

Sites pesquisados:

SANTOS, Marco Aurélio Da Silva. "Formação de um arco-íris"; *Brasil Escola*. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/fisica/formacao-um-arco-iris.htm>> Acesso em: 09 de Set. 2016

VEIGAS, Carlos. Capa: Dark Side of the Moon – o que significa? Disponível em: <<http://newyeah.com.br/capa-dark-side-of-the-moon-o-que-significa>> Acesso em: 10 de Set. 2016

UOL. Morre Storm Thorgerson, criador da capa de "The Dark Side of the Moon Disponível em: <<http://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2013/04/18/morre-storm-thorgerson-criador-da-capa-de-the-dark-side-of-the-moon.htm>> Acesso em: 08 de Set. 2016